

EPISÓDIO 42. DIÁLOGOS: UMA CONVERSA COM THEMRISE KHAN

Esta transcrição foi gerada pelo software de transcrição Trint e editada pelo pessoal da TDR. A Organização Mundial de Saúde não é responsável pela exactidão da transcrição.

Themrise Khan [00:00:00] Enfrentando observações tão terríveis sobre o estado do campo. É mesmo possível estabelecer relações iguais entre o Norte global e o Sul global? É possível dismantelar uma indústria que vive do subdesenvolvimento de outras, cujo pão com manteiga são as contínuas desigualdades internacionais? “Cole 2012” perguntou há mais de uma década. Como um ocidental bem-intencionado pode ajudar o Sul global hoje. Creio que começa com um pouco de humildade em relação às pessoas nesses lugares. Tudo começa com algum respeito pelo arbítrio das pessoas do Sul Global.

Garry Aslanyan [00:00:50] Bem-vindo aos diálogos. Eu sou Garry Aslanyan, e esta é uma série especial do podcast Global Health Matters. Nesta série, vou abrir algumas das câmaras de eco que existem na saúde global. Para me ajudar nessa busca, convidei pessoas atenciosas e curiosas de diferentes estilos de vida. Cada um deles explorou e escreveu sobre questões globais de saúde a partir de diferentes perspectivas disciplinares. Espero que esta série de diálogos ofereça aos ouvintes uma oportunidade e um espaço para sair de sua rotina diária e contemplar os problemas globais de saúde através de uma lente diferente. Então, vamos começar. Neste episódio de diálogo, estou acompanhado por Themrise Khan. Themrise é uma profissional e pesquisadora de desenvolvimento independente do Paquistão com quase 30 anos de experiência em desenvolvimento internacional, eficácia da ajuda, gênero e migração global. Themrise também é coeditora do livro “Salvadorismo Branco no Desenvolvimento Internacional: Teorias, Práticas e Experiências Vividas”. Neste diálogo, a Themrise compartilhará mais sobre as origens desse conceito e como ele continua a influenciar a autonomia nacional, os desequilíbrios globais de poder e as relações raciais. Oi Themrise, como você está hoje?

Themrise Khan [00:02:32] Oi Garry. Eu sou bom. Como você está?

Garry Aslanyan [00:02:34] Onde eu encontro você?

Themrise Khan [00:02:35] Você me encontrará hoje em Karachi, Paquistão.

Garry Aslanyan [00:02:38] Imagino que esteja muito quente. Vamos começar esta conversa contando uma experiência ou um encontro que você teve em seu próprio país, o Paquistão, que destacou as desigualdades de poder e privilégios que existem no desenvolvimento internacional atualmente.

Themrise Khan [00:02:58] Essa é uma pergunta difícil de responder, Garry, simplesmente porque não há apenas uma experiência ou encontro que eu possa compartilhar. São tantos que nem se sabe por onde começar. Acho que se você está falando sobre desenvolvimento internacional, poder e privilégio, um exemplo que posso dar é que, por muitos anos em minha carreira como consultor independente de desenvolvimento no Paquistão, eu costumava ser consultor nacional em várias equipes internacionais de consultores que vinham de países doadores no Ocidente para o Paquistão para analisar projetos financiados por esses doadores, etc. Eu fazia parte dessas equipes e teria que acompanhar esses consultores, a maioria brancos, ocidentais e principalmente homens, até vários locais do projeto, que eram pequenas aldeias em diferentes partes do país, e visitávamos projetos como escolas, unidades de saúde ou centros vocacionais, etc. e todo mundo estava pré-preparado para essas visitas. O diretor das escolas, por exemplo, foi informado de que você receberá visitantes estrangeiros para ver sua escola. Quando chegássemos, haveria um comitê de recepção esperando

com guirlandas de rosas e flores para derramar pétalas de rosa sobre os visitantes estrangeiros. Eles seriam tratados como membros da realeza. Eu mesmo, por outro lado, todo mundo me respeitaria, muito mesmo, mas eu ficaria completamente marginalizada na empolgação e na expectativa de que esses estrangeiros brancos entrassem em uma vila. Para mim, isso sempre foi algo que se destacou: como meu próprio povo via a desigualdade no sentido de que eu era tecnicamente um deles, éramos todos paquistaneses, mas para eles, eu ainda era apenas um deles, uma pessoa comum, o estrangeiro branco que tinha todo o dinheiro, que estava entrando com o dinheiro para garantir que tudo estava indo bem para que pudessem continuar recebendo o dinheiro, foi quem foi festejado como realeza. Isso realmente se destacou para mim em termos de como o desenvolvimento internacional como profissão criou essa dinâmica da realeza versus as pessoas.

Garry Aslanyan [00:05:39] Nos últimos anos, tivemos muitos discursos sobre como descolonizar, ou esse termo descolonização foi realmente debatido. Houve muitos esforços e novas abordagens com o objetivo de transferir o poder no desenvolvimento ou na saúde global. Você acha que o progresso está sendo feito nessa frente?

Themrise Khan [00:06:09] Sim e não. Há muito reconhecimento, e isso inclui saúde e desenvolvimento globais, saúde global em particular desde a Covid, existem desigualdades. Tudo está relacionado ao colonialismo, portanto, a descolonização, em certa medida, eu concordo absolutamente com isso, o colonialismo teve um enorme impacto contínuo e continua a ter um enorme impacto na maneira como olhamos para o mundo e nos olhamos uns para os outros. Também chegamos a um ponto em que muitos países se descolonizaram com precisão, ou seja, eles romperam com o controle colonial e agora são estados independentes. A ideia de descolonizar e transferir o poder e a saúde e o desenvolvimento globais não tem tanto a ver com o colonialismo, que é onde o discurso e a abordagem se concentram, mas sim sobre quem decide? É a pessoa que tem todo o dinheiro que decide o que acontece, onde, como e quando? ou é a pessoa do outro lado que precisa do dinheiro na maioria dos casos que toma essa decisão. Acho que não houve nenhum progresso. Ainda estamos discutindo o ponto em que estamos tentando definir o que significa descolonização no contexto da saúde global ou do desenvolvimento. Precisamos ir além dessas discussões para o que é a realidade real dos países no momento, política, social e economicamente. Então, resposta curta, não, eu não acho que o progresso esteja sendo feito.

Garry Aslanyan [00:07:48] Interessante porque tivemos um episódio focado na descolonização da saúde global, e esse foi um dos episódios mais ouvidos. Há muito interesse neste debate. Usar termos e linguagem realmente importa, você escreveu recentemente vários artigos e eu li pelo menos um deles destacando a importância dos termos que usamos e, neste caso, na distinção entre países ou nações. Como você gostaria de ver nosso vocabulário universal mudar e que impacto isso poderia ter se fizéssemos isso?

Themrise Khan [00:08:30] Definitivamente, acho que a linguagem é importante e isso também tem sido uma parte muito importante do discurso. Ironicamente, o termo descolonização também diz respeito ao idioma, porque o termo é um termo em inglês. Quando eu estava fazendo uma pesquisa sobre isso, tentei encontrar uma tradução da palavra descolonização em diferentes idiomas, não consegui encontrar uma única, árabe foi a que mais se aproximou de algum tipo de palavra definida que fosse uma tradução literal, mas na verdade não havia outra palavra para descolonização em nenhum outro idioma, nem em francês, nem em espanhol, nem em urdu, etc. Isso por si só foi uma grande descoberta, então sim, a linguagem importa. A ideia geral é de que idioma estamos falando? , e se estamos falando de um vocabulário universal, qual é a universalidade desse vocabulário? , então o que escrevemos no artigo que você mencionou foi quais são os termos mais apropriados para definir quem somos todos, e quem todos somos é muito, muito diferente. Uma de nossas recomendações foi

que todos viéssemos de regiões diferentes. O Sul global não é apenas o Sul global, e o Norte global não é apenas o norte global. Atualmente, a terminologia usada quando se trata de desenvolvimento e saúde, mas até mesmo o Sul é composto por continentes. Nem estamos falando de regiões, estamos falando de continentes. Então, por que você não deixa que eles decidam como querem ser chamados? , e essa é a chave, se estamos falando sobre a transferência de poder, então pergunte aos países como eles gostariam de ser referidos, e isso novamente mostra a dinâmica do poder e como a linguagem também se apropria do poder.

Garry Aslanyan [00:10:19] Se continuarmos com os termos e um dos termos que você escolheu para explorar o grande com mais profundidade, foi esse termo salvadorismo branco. Através da leitura que você acabou de fazer, isso levou à publicação desta antologia por você e vários outros co-autores intitulada “Salvadorismo Branco no Desenvolvimento Internacional: Teorias, Práticas e Experiências Vividas”. Você poderia explicar para nossos ouvintes como você entendeu esse termo, o valor inerente a ele e as implicações de usá-lo?

Themrise Khan [00:11:07] Acho que esse é um termo que já existe há muito tempo, mas nunca recebeu nenhuma importância ou destaque, particularmente no desenvolvimento internacional. A forma como vimos as origens desse termo foi, na verdade, por meio de um artigo escrito por Teju Cole, um autor nigeriano-americano que escreveu um artigo no The Atlantic em 2012 intitulado “The White-Savior Industrial Complex”. Essa foi uma peça especificamente sobre a África e, basicamente, como toda uma indústria foi formada em torno da ideia de pessoas brancas virem e salvarem aqueles que têm menos sorte do que elas, e foi aí que surgiu o termo complexo industrial do salvador branco. Foi o salvadorismo branco anterior, mas, novamente, muito pouco se falou sobre isso, escreveu sobre isso, discutiu, academicamente, mais ainda, mas ninguém realmente o mencionou em termos de como abordamos e implementamos o desenvolvimento internacional na prática. Isso levou nós e meus outros dois coeditores a pensar em explorar isso com um pouco mais de detalhes, porque se falava muito sobre racismo e desigualdades sistêmicas, então o que o salvadorismo branco tem a ver com isso? Foi assim que surgiu o tópico do tema do livro. Tivemos diferentes iterações. Queríamos ver como isso se desenvolveu na teoria, como se desenvolveu na prática real e na vida das pessoas que trabalhavam nesse setor. Foi aí que criamos o conceito do livro em si e vimos o salvadorismo branco como um estado mental. Foi assim que também definimos no livro, que isso não é algo que não seja uma abordagem tangível e aplicável. É algo que está absorvido psicologicamente na mente de qualquer pessoa que queira ser um salvador, de qualquer pessoa que pense que é superior aos outros e pensa que somente ela pode melhorar a vida dos outros. Foi assim que abordamos o tópico, o livro e todas as suas contribuições.

Garry Aslanyan [00:13:36] E você não o usa em um contexto racial, mas mais em um contexto mais amplo?

Themrise Khan [00:13:44] Sim e não. Quero dizer, é definitivamente racial porque estamos falando especificamente sobre o salvadorismo branco, então essa é a ideia de como o mundo ocidental industrializado branco quer salvar o mundo marginalizado não ocidental. Sim, com certeza, há um elemento racial envolvido nisso, sem dúvida. Mas também é porque estamos falando sobre o salvadorismo como uma mentalidade. Isso significa que também pode ir além disso, então é um pouco dos dois. É definitivamente racial. Também é conceitual.

Garry Aslanyan [00:14:18] Quando você estava liderando este livro e este projeto de antologia, você e seus coeditores permitiram que acadêmicos e profissionais compartilhassem suas opiniões e experiências a respeito desse termo salvadorismo branco. Mas você também tomou a decisão

consciente de permitir que apenas colaboradores e pessoas dos países do sul viessem e fizessem parte disso, escritores do sul. Por que esse critério importante foi adotado por você?

Themrise Khan [00:14:54] Porque para nós, isso não era sobre o Norte, era sobre o Sul. Eles sempre foram alvos do salvadorismo branco. Sabemos o que as pessoas querem dizer sobre isso no Ocidente, não muito, elas pensam que são salvadoras. É isso mesmo. Quem mais vai fazer isso? Mas, na verdade, são os destinatários disso que têm as histórias reais para contar, porque precisam enfrentar isso todos os dias. A maioria das publicações se concentra muito em autores do Norte. Eles sempre têm a oportunidade de publicar e escrever, enquanto as pessoas no Sul global nunca têm essas oportunidades. Sei que, por experiência própria, morando no Sul Global, nunca tive a chance de publicar internacionalmente porque simplesmente não tinha o perfil, sendo do Sul Global. Queríamos dar a oportunidade às pessoas do Sul Global, em particular, pessoas que nunca haviam publicado antes ou nunca haviam escrito antes, de lhes dar a chance de dizer seu artigo e ter sua voz ouvida. Isso não era negociável para nós. Só queríamos a oportunidade de ser para aqueles que nunca tiveram a oportunidade.

Garry Aslanyan [00:16:11] Vamos ouvir a leitura de um dos capítulos escritos por Sadaf Shallwani e Shama Dossa. É intitulado “Avaliação e o olhar branco no desenvolvimento internacional”.

Themrise Khan [00:16:25] A avaliação, junto com a pesquisa e o monitoramento, é uma ferramenta importante que perpetua o olhar branco e o desenvolvimento global. De acordo com Smith 2012, “Research Through Imperial Eyes”, o que chamamos de olhar branco se concentra em uma visão de mundo ocidental, transmite superioridade e direitos e é movido pelo desejo de trazer progresso à vida de povos indígenas que são vistos como carentes. Essa abordagem rouba conhecimento dos povos indígenas, seus principais benefícios são acumulados por aqueles que o roubaram.

Garry Aslanyan [00:17:02] Themrise, ao analisar este capítulo em particular e como o desenvolvimento internacional e, da mesma forma, a saúde global dependem da capacidade de usar evidências, aprender, melhorar e, claro, algumas delas são muito familiares para mim, mas este capítulo às vezes pode questionar algumas das práticas fundamentais de reavaliação e alguém que trabalha para um programa que se concentra tanto na implementação, pesquisa e resultados, eu tenho que perguntar: como você acha que poderíamos encontrar uma maneira alternativa melhor de saber como estamos progredindo? Estou muito convencido de que muitos de nossos ouvintes estão intrigados com esse uso específico de como isso é interpretado.

Themrise Khan [00:17:59] Esse foi um capítulo extremamente relevante para o setor como um todo e foi um dos nossos mais lidos. Estou muito feliz por termos tido a oportunidade de falar sobre isso, essa é outra coisa que é um subsetor muito popular no desenvolvimento internacional como um todo. Eu mesmo fui avaliador por cerca de dez anos da minha carreira. O exemplo que dei logo no início foi que eu estava em uma missão de avaliação com os avaliadores internacionais que vieram da América do Norte e eu era o avaliador nacional e tudo foi feito por eles, eles trouxeram as matrizes, trouxeram os critérios de avaliação, é assim que vai ser feito, essa é a informação que precisamos e é assim que precisamos montá-la. Tudo isso foi predeterminado, pré-decidiado, e nos sentávamos e conversávamos sobre isso juntos como uma equipe. Eu apresentava muitos e muitos relatórios diários sobre essas visitas e a perspectiva paquistanesa sobre elas e, em última análise, eles nunca entrariam no relatório final de avaliação. Eventualmente, isso também foi o que nos disseram, eles não estavam realmente interessados em ouvir o que tínhamos a dizer, tudo tinha que ser medido de acordo com esse critério predefinido que vem daí. Esses critérios predefinidos não coincidem realmente com as realidades no terreno. Sei que tínhamos os critérios de avaliação do CAD da OCDE de relevância, eficiência, eficácia, sustentabilidade, etc., que eram o princípio orientador, e tínhamos que ajustar à força tantas

descobertas e nuances fantásticas que encontraríamos durante nossas visitas a esses quatro, cinco critérios fixos, e eu diria que isso não se encaixa. Você precisa de um novo critério para isso, não, temos que encaixá-lo de alguma forma. Então você pensa, bem, quais são as descobertas que resultariam disso? O que exatamente está sendo avaliado? Quem está fazendo isso e por quê? e havia toneladas de evidências que permaneceriam intocadas. Quero dizer, quando falamos constantemente sobre planejamento baseado em evidências ou pesquisa baseada em evidências, quando as evidências que você tem e a flexibilidade de escolhê-las porque, por acaso, você é quem está orquestrando todo o projeto, então isso é realmente uma evidência? Esse é exatamente o olhar branco sobre o qual Sadaf Shallwani deve falar. De onde vem isso? Isso vem do mundo ocidental branco. Esse não é o nosso critério de avaliação. Não é assim que gostaríamos de avaliar nosso trabalho.

Garry Aslanyan [00:21:02] O que eu deduzo disso é que temos que olhar além do conjunto de coisas que usamos, questionar e olhar mais longe, sem perder outros aspectos de como o progresso é feito ou como as vidas são melhoradas.

Themrise Khan [00:21:22] 100%. Na verdade, eu daria um passo adiante e diria que não basta mudar os processos, mudar quem faz a avaliação. Quero dizer, por que não podemos avaliar nosso próprio trabalho? Já mencionei isso antes e as pessoas dizem que é um conflito de interesses. Como você pode avaliar seu próprio trabalho? Como você pode avaliar o trabalho em um país em que você nunca esteve e sobre o qual não sabe nada? Você sabe que está literalmente apenas marcando caixas, isso é tudo o que você está fazendo. A avaliação também precisa estar sob nosso controle e, eventualmente, pode se tornar colaborativa. Absolutamente. Não estou dizendo para expulsar todo mundo, mas para que isso se torne colaborativo, você precisa estar aberto à colaboração, e acho que o campo da avaliação não está nem um pouco aberto à colaboração. Precisamos mudar a narrativa também em termos de quem é o avaliador, quem é o avaliado e por que isso acontece?

Garry Aslanyan [00:22:24] Mudando para outro capítulo e novamente, está usando outro termo. O capítulo se chama “Complexo do Matriarcado”, muito interessante, vamos ouvir uma leitura deste capítulo.

Themrise Khan [00:22:41] Embora o homem branco ocidental tenha sido o representante mais visível do salvador branco no desenvolvimento internacional como o rosto do doador, implementador e gerente, sua contraparte feminina também perpetuou estereótipos racistas. Ela é a especialista em gênero, especialista ou consultora que viaja do próspero Norte para o Sul subdesenvolvido para projetar, gerenciar, aconselhar ou treinar mulheres e homens do sul sobre como alcançar o sucesso na igualdade de gênero. Em uma época em que a igualdade de gênero é agora um tópico de discussão tanto no Norte quanto no Sul, ela também está gradualmente assumindo o papel de rosto do desenvolvimento internacional, representando organizações internacionais no Sul global.

Garry Aslanyan [00:23:32] Themrise, aqui você caracteriza uma mulher branca trabalhando no desenvolvimento como matriarca, alguém que vê seu conhecimento como superior ou assume posições de poder que deveriam estar nas mãos de mulheres locais. Como esse fenômeno surgiu e como é perpetuado; Eu também quero ver se é possível generalizar para todas as mulheres brancas?

Themrise Khan [00:24:03] Esse capítulo é muito importante para mim, e eu o escrevi por causa da minha interação como mulher parda do Sul Global com mulheres brancas do Ocidente, tanto no meu próprio país quanto no país delas. Eu uso o termo matriarca, que na verdade é um termo que descobri com a ajuda de meus coeditores, que as mulheres da época colonial, as esposas dos oficiais britânicos na África e no Sul da Ásia, realmente usavam. Há muita literatura disponível, algumas das quais também mencionei no capítulo. Elas se consideravam mães dos nativos, porque achavam que esses

pobres nativos precisavam ser cuidados e nutridos, e que eram eles que deveriam fazer isso. Daí o termo matriarca, que também uso como uma brincadeira com o patriarcado, porque é disso que falamos, mas nunca falamos sobre o fato de que as mulheres também fazem parte dessa indústria na perpetuação das desigualdades dessa indústria tanto quanto os homens, e as mulheres brancas em particular, porque vêm com seus colegas homens dos mesmos países. Eles olham para nós de forma diferente. Quero dizer, vou ser muito franca com você, não há muita irmandade acontecendo entre mulheres do Sul global e do Norte global. Podemos afirmar que sim, mas nos bastidores há muita tensão porque as mulheres brancas entram como detentoras do poder e muitas delas tratam muito mal as mulheres jovens. Eu uso muitos exemplos da vida real de mulheres com quem conversei e solicitei sobre suas experiências de vida. Então, voltando à sua questão sobre se são apenas mulheres brancas? Não, não é, eles iniciaram essa questão de poder, mas outra descoberta é que, se uma mulher não branca representa uma instituição poderosa no Norte global, ela também impregna esse complexo matriarcal.

Garry Aslanyan [00:26:31] É muito bom que você tenha descompactado isso, às vezes é uma conversa muito desconfortável, mas você conseguiu neste livro descompactá-la e deixar as pessoas fazerem essas perguntas. Na segunda parte do livro, você tem experiências da vida real enviadas de países, e um capítulo anônimo destaca a presença de salvadores pardos em países, e você já abordou isso. Novamente, estou citando seu livro e não inventei esses termos. A história destaca o relato de um gerente de nível médio de Bangladesh que prefere contratar o filho do embaixador de Bangladesh, preferindo conexões políticas em vez de conhecimentos técnicos. Obviamente, esse não é um fenômeno incomum, mas também está perpetuando privilégios e poderes injustos. Você acha que temos alguma maneira de impedir essa perpetuação de um salvadorismo?

Themrise Khan [00:27:34] A primeira coisa que eu sempre digo é que privilégios e poderes injustos existem em todos os lugares. Qualquer país que você vá, qualquer instituição que você vá, qualquer governo que você vá, qualquer comunidade que você vá, qualquer vila que você vá, há privilégio e poder, vemos hierarquias sociais nas aldeias entre tribos, entre feudais e os fazendeiros que trabalham em suas terras, existe em todos os lugares. Acho que é algo que todos devemos ter muito cuidado quando falamos de privilégio e poder. Em segundo lugar, porque isso existe em todos os lugares, definitivamente existe no Sul global, e no Sul global o sistema de nepotismo é muito, muito forte, e nós o vemos em todos os lugares. Eu vejo isso no Paquistão todos os dias, e no Paquistão nós o chamamos de sifarish. Sifarish é um termo, uma palavra em urdu, que significa um pedido pessoal a alguém, alguém solicita um favor a você, então este é meu filho e, por favor, dê a ele um emprego ou fale bem dele, etc., está incorporado em nossas sociedades tão profundamente que é basicamente como as sociedades funcionam agora. Então, como você muda isso? Como você muda esse núcleo? É uma pergunta muito, muito difícil. O que você precisa é que alguém simplesmente entre e rasgue tudo em pedaços e não tenha medo das consequências e comece tudo de novo, mas quem vai fazer isso? Então, é difícil, mas é o resultado do privilégio e do poder que existem em todos os lugares.

Garry Aslanyan [00:29:24] Talvez o começo seja falar sobre isso, incluindo essa conversa que estamos tendo, divulgando e ouvindo você e todos os seus colaboradores sobre o trabalho que você realizou. Na parte final de nossas conversas, talvez possamos analisar um pouco mais o futuro e as estratégias. Nos relatórios recentes que você publicou, você escreveu que é necessário se afastar completamente do modelo atual do que chamamos de ajuda e desenvolvimento para nações independentes, atendendo às suas próprias necessidades de desenvolvimento e gerando seus próprios sistemas de apoio técnico financeiro e, obviamente, você está escrevendo em geral para o desenvolvimento, e provavelmente isso se aplica à saúde global imediatamente da mesma maneira. Você acredita que esse sistema de ajuda pode se transformar? ou precisa de uma abordagem mais radical?

Themrise Khan [00:30:16] Acho que precisa ser queimado até o chão. Eu acho que ele precisa ser completamente destruído, quebrado e depois completamente construído do zero, por outra pessoa, e honestamente é isso que quero dizer, eu penso nisso há anos. Meu primeiro instinto foi deixar que separássemos os dois, deixássemos o Norte e o Sul resolverem seus próprios problemas primeiro, e então poderíamos nos reunir, sentar juntos à mesa e talvez discutir o que precisa ser feito a seguir, e a maioria das pessoas não concordou com isso, porque disseram: não, só precisamos ser colaborativos, e eu disse que você não pode colaborar quando os próprios países não sabem onde estão, internamente. Não estou falando de internacionalmente, mas internamente, qual é a posição deles como nação entre seu próprio povo? Nem mesmo estamos tendo essas conversas em diferentes países. Você está pedindo a um grupo de países que se reúna com outro grupo de países e resolva as coisas. Não vai acontecer. Mas, quanto mais me aprofundo nisso, mais acredito seriamente que o sistema está danificado de forma irreparável, e vemos que com Gaza, com a Palestina, essa foi uma oportunidade para toda a indústria mudar a forma como trabalha e fazer algo para evitar que milhões de pessoas sejam mortas. Mas eles não fizeram absolutamente nada, absolutamente nada. Acabei de ver um estudo realizado há alguns dias por uma organização voluntária no Reino Unido chamada Charity So White, que fez um estudo das instituições de caridade no Reino Unido para ver qual era a resposta delas à situação palestina, e eu não tenho certeza do número, mas quase um pouco mais de 50% das instituições de caridade no Reino Unido permaneceram absolutamente silenciosas sobre isso. Então, quando você tem um sistema que deveria evitar desigualdades, que deveria evitar conflitos, que deveria ajudar pessoas em perigo. Quando mais da metade deles permaneceram em silêncio mortal em um dos piores casos de conflito que vimos neste século, então, honestamente, não há nada que você possa fazer para transformar esse sistema. Você literalmente tem que queimá-lo até o chão.

Garry Aslanyan [00:32:56] Themrise, como alguém que trabalha nesta área, uma das coisas que você sempre menciona, que também vem de seus escritos, é essa interseção de diferentes aspectos do desenvolvimento humano, e se trata de saúde, não é apenas saúde, é também moradia, renda, educação, etc., e, obviamente, vimos como a Covid se desenrolou e você mencionou que, no início da conversa, alertou que a saúde global muitas vezes falha em são responsáveis por muitas outras questões relacionadas aos direitos humanos ou outras questões. Isso tem uma visão bastante unilateral da sociedade, que realmente não ajuda em termos de como lidar com essas questões. Talvez você possa compartilhar suas opiniões sobre como você acha que isso pode ser mudado, especialmente com nossa visão de futuro, como evitamos futuras pandemias ou como lidamos com alguns dos principais problemas de saúde global.

Themrise Khan [00:33:52] Para mim, tenho sido o que eles chamam de generalista neste campo, mas isso fortaleceu minha compreensão do setor como um todo muito melhor do que se eu trabalhasse apenas no setor de saúde ou apenas no setor de educação ou apenas em gênero, etc., e é aí que acho que realmente faltam no setor de desenvolvimento como um todo, é que compartimentalizamos tudo nele. A saúde é um componente extremamente importante para mim da ideia geral de desenvolvimento humano. Se você não tem saúde, não consegue ser educado, não consegue conseguir um emprego, não é capaz de cuidar dos outros se tiver problemas de saúde. Mas, no desenvolvimento internacional, quando analisamos a saúde, minha percepção é que estamos analisando a saúde básica. Estamos analisando o acesso de todos os cidadãos de um país a instalações e serviços de saúde, então há todo o aspecto científico da saúde, a pesquisa, o desenvolvimento de medicamentos, os tratamentos, etc., e esse é um campo muito especializado, mas no desenvolvimento, estamos falando apenas de direitos básicos, e o acesso à saúde é um direito básico, assim como o acesso à educação, assim como o acesso a um salário mínimo, assim como o acesso a abrigo, assim como o acesso à água, etc. Precisamos analisar todos esses componentes juntos como um todo. Se quisermos que uma comunidade sobreviva, você não pode simplesmente fornecer serviços de saúde a uma comunidade e dizer que fez seu trabalho corretamente, e a COVID-19 trouxe

isso à tona de forma muito clara, no sentido de que todos começaram a se concentrar tanto na saúde. Não percebemos que criamos uma emergência educacional porque as crianças precisavam ficar fora da escola por meses a fio e perdiam a oportunidade de aprender. As pessoas perderam renda porque não tinham emprego e essa é uma emergência de saúde que fez isso, então acho que o COVID-19 revelou essas interseções de forma muito clara, mas acho que o setor como um todo estava muito focado no interior. Isso acontece com todos os subsetores, mas também é algo que você precisa ter em mente para o futuro, não apenas pandemias, mas qualquer tipo de crise que aconteça. Em última análise, ele estará ligado a todos os outros componentes da vida de um indivíduo.

Garry Aslanyan [00:36:34] Quando terminarmos, gostaria de pedir que você ofereça alguma orientação ou esperança para nossos ouvintes. E o que eles podem realmente fazer no nível individual para contribuir para uma maior equidade de poder na saúde global e no desenvolvimento?

Themrise Khan [00:36:49] Sou uma das piores pessoas para fazer qualquer pergunta sobre esperança, porque sou péssima nisso. Não é que eu não tenha esperança. Sou apenas uma pessoa muito pessimista, mas no meu pessimismo também há muito otimismo. Quando falo sobre coisas como, você sabe, queimar tudo, sim, muitas pessoas dizem que isso é muito negativo, mas por trás desse pensamento está que queime tudo para que possamos reconstruir adequadamente novamente, então há esperança nisso. Pelo menos espero que haja. Acho que, individualmente, é muito importante olharmos para nós mesmos individualmente. Eu continuo evoluindo, apesar de estar neste campo há 13 anos contando, continuo evoluindo, meu pensamento continua evoluindo com base em tudo o que está acontecendo ao meu redor. Acho que isso é algo que precisamos aproveitar em nós mesmos como indivíduos. Todos nós continuamos dizendo: o que posso fazer neste enorme mundo de desigualdade? É verdade que talvez você não consiga fazer tudo, mas acho que suas próprias ações podem falar muito por uma comunidade mais ampla. Saí do setor como consultor. Parei de fazer todo o trabalho que costumava fazer porque simplesmente não acredito mais nisso. Para mim, essa ação é suficiente para me convencer de que, como indivíduo, pode ser apenas uma pessoa, mas espero que outras também sigam o exemplo, eventualmente, se funcionar para elas. Então, acho que isso é algo que você continua se questionando. Você tem que continuar se questionando e olhar o mundo através de uma lente mais ampla. Não pode ser só seu. Você também tem que olhar além de si mesmo. Então, acho que terminaria com isso.

Garry Aslanyan [00:38:41] Obrigado Themrise por esta ótima conversa. Foi ótimo conversar com você e obter uma perspectiva realmente diferente por meio dessa conversa.

Themrise Khan [00:38:52] Muito obrigado Garry, foi um prazer estar em seu programa. Muito obrigado.

Garry Aslanyan [00:38:57] Enquanto nós, a comunidade global de saúde, lutamos para descobrir como descolonizar a saúde global. As experiências de ascensão no setor mais amplo de desenvolvimento internacional podem servir como sinais úteis. Primeiro, o Themrise destaca a importância da linguagem e a frequência com que ela falha em expressar adequadamente as experiências de pessoas em diferentes países. Themrise confirma algo que eu já sabia, o fato de que o termo descolonização não era um termo encontrado em muitos outros idiomas. Em segundo lugar, a Themrise adverte a comunidade global de saúde a não se isolar na tentativa de alcançar maior equidade de poder, lembrando-nos de que a saúde é apenas um aspecto do desenvolvimento humano e precisa levar em conta outras questões que se cruzam. Em terceiro lugar, nosso sistema atual está longe de ser ideal, e essa é uma oportunidade para cada um de nós praticar maior humildade. Se a história nos ensinou alguma coisa, não existe um único grupo de especialistas que tenha todas as respostas para a saúde global, nem no Norte nem no Sul. É verdade que a transformação sistêmica do desenvolvimento

internacional e da saúde global só será realizada por meio de maior humildade e colaboração respeitosa. Para saber mais sobre os tópicos discutidos neste episódio, visite a página da web de episódios, onde você encontrará leituras adicionais, notas de shows e traduções. Não se esqueça de entrar em contato conosco via mídia social, e-mail ou compartilhando uma mensagem de voz. E não se esqueça de se inscrever ou nos seguir onde quer que você receba seus podcasts. O Global Health Matters é produzido pelo TDR, um programa de pesquisa co-patrocinado pelas Nações Unidas com base na Organização Mundial da Saúde. Obrigado por ouvir.